

# Revista Eutomia - Ano III - Volume 1 - Julho/2010

## A Tecnologia *Blog*: de diário a fichário virtual.

Cleber Pacheco Guimarães<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo visa discutir o *status* do *blog* enquanto gênero textual. Será defendida a tese de que *blogs não são gêneros*. Recorreremos basicamente à noção de Configurações Contextuais e à noção de *affordances*, advinda da psicologia, para definir *blogs* como — unicamente — programas de computador. Tal discussão é relevante por determinar as aplicações que podem ser realizadas com o aplicativo *blog* em salas de aula. A visão de *blog* enquanto gênero guia trabalhos pedagógicos numa determinada direção, a visão de não-gênero guia os trabalhos por outro caminho.

**Palavras-chave:** gêneros digitais, configurações contextuais, blogs.

### Abstract:

This article aims to investigate the status of blogs as a textual genre. It defends the hypothesis that blogs are not textual genres. In effect, we use Contextual Configurations and the notion of affordances to support the definition of blogs as — solely — computer programs. The relevance of this study lies on the fact that it may determine how teachers will use blogs in the classroom. The belief that blogs are textual genres may lead teachers' practice in one direction, whereas the concept of blogs as non-genre may influence a different pedagogic future.

**Keywords:** textual genres, contextual configurations, blogs.

## Introdução

Na medida em que estudos sobre gêneros digitais vão surgindo, vamos percebendo o quão “arriscado” é tratar deste assunto. Este é um tema ainda bastante incipiente, e a velocidade das descobertas é similar à do nascimento de novas tecnologias. Usamos o termo “arriscado” porque um artigo como este, leitor, qual o que tens em mãos, pode se tornar obsoleto em questão de meses. Há cinco anos, *blogs* eram tratados como diários *online*. Há pouco essa definição foi superada, e hoje vimos a defender que *blogs* nem sequer são gêneros textuais. O que se dirá daqui a cinco anos?

Por hora, defendemos ser importante não enxergar *blog* como um gênero digital, mas como tecnologia. O motivo para tal defesa será externado no final deste artigo. Começamos com a fundamentação que, no atual Estado da Arte, permiti-nos “arriscar”, e defender *blogs* como — unicamente — programas de computador.

## 1. Configurações Contextuais

Gêneros são entes contextuais. Pode soar trivial, mas é imperativo afirmar, dado o propósito deste item, que *todo gênero se realiza num contexto*. Retomando Marcuschi (2002, p. 19), vemos que gêneros são “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer *situação comunicativa*” [grifos nossos]. Bakhtin, ao tratar de enunciados, assevera que:

Um enunciado isolado e concreto é dado num *contexto cultural* e semântico-axiológico (científico, artístico, político etc.) ou no *contexto de uma situação isolada da vida privada*; apenas nesses contextos o enunciado é vivo e compreensível (BAKHTIN, 1993 [1924], p. 46) [grifos nossos]

A situação comunicativa e este contexto imediato — “contexto de uma situação isolada da vida privada”, como dito por Bakhtin — são chamados, na Linguística Sistemico-Funcional (LSF), de *contexto da situação*. Todo gênero se materializa numa situação comunicativa, portanto, sob determinada *configuração de fatores* que norteiam e influenciam a atividade comunicativa, uma *configuração contextual*. Motta-Roth e Heberle (2007, p. 17) defendem que, enquanto uma configuração contextual (doravante **cc**) determina uma classe de situações, “o gênero se configura na linguagem que desempenha o papel apropriado àquela classe de acontecimentos sociais”.

À luz da LSF, podemos descrever qualquer **cc** por intermédio de três variáveis. Tais variáveis irão condicionar e estão atreladas aos gêneros. São elas: *campo*, *relação* e *modo*.

A variável *campo* representa a natureza da prática social. É para esta variável que, no nosso entendimento, convergem olhares como o dos sócio-retóricos sobre gêneros como ação social — e não apenas como construtos formais —. A variável em questão representa o ato e os objetivos do gênero adequado para determinada **cc**. Temos, por exemplo, que o *campo* para uma bula de remédio seria “fornecer informações técnicas e de uso de determinado remédio”.

A variável *relação* representa a natureza da conexão entre os participantes. Não nos aprofundaremos aqui nos pormenores da LSF, e nos importa substancialmente mais a variável *campo*, porém, ainda para a bula de remédio, poderíamos encontrar a *relação* de “especialista (farmacêutico) para usuários ‘invisíveis’, que é não-hierárquica e possui distância social máxima (pois os interactantes não se conhecem)”.

A variável *modo* representa a natureza do meio de transmissão da mensagem. No caso da bula, temos, para *modo*, um canal gráfico e um meio escrito. Também, nesta variável, considera-se o papel da linguagem, se *constitutivo* ou *auxiliar*.

As três variáveis se articulam para representar a **cc** — da situação comunicativa, imediata ou “da vida privada” — sob a qual o gênero (bula de remédio no exemplo) se realiza. Como todo gênero é contextual, defendemos que podemos descrever uma **cc** para qualquer gênero. Para facilitar o entendimento, seguem, abaixo, as **cc** para os gêneros *bula de remédio*, *transação comercial* e *defesa de tese de doutorado*. As descrições foram feitas

com base no artigo de Motta-Roth e Heberle (2007), no entanto assumimos a responsabilidade por quaisquer inadequações nos quadros abaixo (ver *tabela 01*).

Teríamos dificuldade em apresentar uma **cc** para uma sequência linguística qualquer, isolada, que não configurasse um gênero, pois não poderíamos compreender a natureza de sua prática social, não conheceríamos a natureza dos interlocutores atrelados àquela manifestação comunicativa.

Mesmo que tivéssemos algumas das variáveis da **cc**, haveria problemas para “perceber um gênero”. Imaginemos a frase “eu estive aqui ontem”, encontrada, num quadro negro, por alunos que chegavam para uma aula de, por exemplo, anatomia. Poderíamos até arriscar a variável *campo* — dar um aviso a alguém —, e teríamos a variável *modo* — canal gráfico, meio escrito e papel auxiliar —, mas não saberíamos quem escreveu a frase, e nem para quem ela foi escrita, de modo que a natureza da *relação* entre os participantes seria desconhecida. Desta forma, a variável *relação* estaria comprometida. Se não há uma das variáveis (neste caso, a variável *relação*), não há uma **cc**, portanto não há gênero.

<b>Bula de Remédio</b>	
<b>Campo</b>	Informa o paciente sobre o remédio (usos, efeitos colaterais etc.)
<b>Relação</b>	Especialistas (farmacêuticos) e usuários; não-hierárquica, distância máxima
<b>Modo</b>	Constitutivo; gráfico; escrito.

<b>Transação comercial presencial</b>	
<b>Campo</b>	Transação econômica presencial
<b>Relação</b>	Hierárquica; distância social quase-máxima
<b>Modo</b>	Auxiliar; falado com contato visual

<b>Defesa de tese de doutorado</b>	
<b>Campo</b>	Defesa pública de tese de doutorado
<b>Relação</b>	Grupo de especialistas; membros da banca e candidato; distância não-máxima
<b>Modo</b>	Constitutivo; falado com contato visual

Tabela 01 – Configurações contextuais

Por outro lado, se a frase encontrada no quadro fosse “não darei aula hoje”, e estivesse acompanhada da assinatura do professor que daria a aula de anatomia, teríamos bem clara a variável *relação* — entre professor e alunos, distância social mínima, interactantes se conhecem —, e teríamos então as três variáveis, uma configuração contextual (**cc**) completa. Poderíamos então observar um gênero na situação exemplificada, o gênero *aviso*. Como postulado por Bakhtin, é válido lembrar, apenas quando imerso num contexto cultural, semântico-axiológico, é que um enunciado isolado ganha vida. Gêneros ganham vida em configurações contextuais.

Compreender que todo gênero se dá num contexto, portanto numa **cc**, é de fundamental importância para o entendimento do que será discutido sobre *blogs* nos itens a seguir.

## 2. Blogs: gêneros textuais?

Será defendido, neste instante, que *blogs não são gêneros textuais*. A base para essa defesa é o postulado de que um gênero textual se realiza sob uma determinada **cc**, fato que não acontece com o *blog*. Também recorreremos à Miller (2009) que trata das *affordances* para asseverar que o *blog* é uma tecnologia, e não um gênero. *Affordances* são as possibilidades de interação propiciadas, no caso em questão, pela mídia digital.

Não realizaremos uma discussão pormenorizada sobre o que vem a ser o *hipertexto*, mas precisamos esclarecer nossa visão sobre este termo. A bastante citada definição de Lévy nos soa pertinente e ainda oportuna, e representa nossa visão do hipertexto:

Tecnicamente, o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

Atualmente as discussões sobre o hipertexto inclinam-se para aplicações pedagógicas, particularidades do processamento da leitura (no hipertexto), arguições e vaticínios sobre o fim do livro impresso e temas afins. Contudo, no que concerne à definição de hipertexto, as discussões mais acalentadas versam sobre a *não-linearidade* e a presença destes textos apenas nos ambientes digitais. Há muitos que defendem ser a não-linearidade uma característica de *todos os textos*, inclusive dos não digitais (haja vista a presença de notas de rodapé, títulos e outros).

Todavia, mesmo enxergando fundamento em tais defesas, somos do grupo que vê o hipertexto como habitante exclusivo do meio digital. No ambiente digital (seja em mídias convencionais como DVDs ou na Internet), o hipertexto transborda um espaço restrito (como tínhamos, por exemplo, no papel) e pode inclusive acessar infinitos outros textos. E é a presença de *links* — os “nós” de Lévy — que torna possível este tipo de busca, recuperação e troca de informações. O suporte convencional, o papel, não comporta (e nem poderia) “nós”. Neste sentido, não seria possível haver hipertexto fora de um ambiente digital.

Defender que o hipertexto existe apenas no meio digital não estorva trabalhos que visam entender como o leitor digital (o “novo” leitor, de hipertextos) transporta, para sua “nova” leitura, os hábitos e trajetórias que lhe eram habituais nos “velhos” meios. Tal defesa também não necessariamente prega uma revolução nas ações do

leitor, como parece ter sido entendido por Ribeiro (2006). Se há (ou não) diferenças substanciais, do ponto de vista cognitivo, entre ler nos moldes “antigos” e ler nos meios “novos”, tais diferenças poderão ser averiguadas independentemente da visão de hipertexto que o pesquisador venha a adotar<sup>2</sup>.

Falemos sobre *blogs*.

Observe a *figura 01*. Este é um *screenshot* (foto da tela) de parte do *blog* do Marcelo Tas, eleito mais de uma vez — em prêmios nacionais e internacionais — como o melhor **blog jornalístico** em língua portuguesa. Falemos um pouco sobre ele.



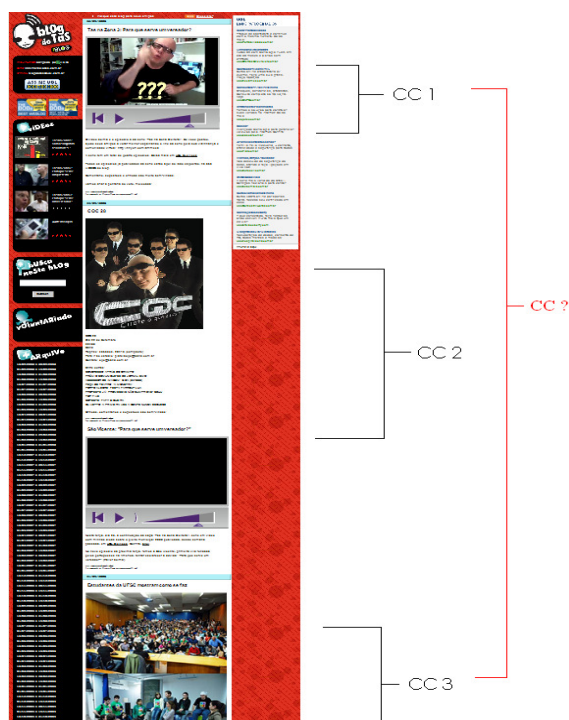
**Figura 01** – Blog do Tas. Disponível em <<http://www.tas.blog.uol.com.br>>. Acesso em 05/04/2010

Na data em que este *screenshot* foi tirado, Marcelo Tas havia acabado de postar, de colocar em seu *blog*, uma reportagem, em vídeo, sobre o papel dos vereadores. Na postagem imediatamente abaixo (a anterior), o autor fez uma propaganda do seu programa numa emissora de televisão, utilizando um *banner* imenso e um vídeo de divulgação. E na postagem anterior à da propaganda, Marcelo Tas escreveu sobre sua visita a uma determinada universidade, e postou fotos deste momento. Vemos estas postagens na *figura 02*.

Lembremos da bula de remédio, que é gênero e, portanto, apresenta-se numa **cc**. Da mesma forma, procede o *e-mail* e todos os outros gêneros<sup>3</sup>. No entanto, o que temos para o *blog* do Tas — e para a maioria absoluta dos *blogs* — é o que se apresenta na *figura 02*. Temos configurações contextuais diferentes no mesmo “gênero”. Há uma **cc** para a reportagem em vídeo, outra **cc** para a propaganda do programa de televisão e uma outra **cc** para a entrada de diário.

Atente, na *figura 02*, para o fato de que não podemos falar de uma **cc** única e global para *blogs* — como podemos, por exemplo, para a bula de remédio —, isso porque a variável *campo* apresenta uma incógnita. Qual é a natureza da prática social realizada pelos *blogs*? Alguém poderia afirmar que esta variável depende do tipo de *blog*, mas refutamos categoricamente a afirmação. Não depende do tipo de *blog*. O *blog* do Tas é um renomado (e descrito como) **blog jornalístico**, entretanto a incógnita continua: qual é a natureza da prática social realizada

pelo *blog* do Tas? Ele pretende contribuir com a sociedade nas suas reportagens esclarecedoras (e em vídeo, não escritas) sobre política? Ou ele pretende usar o canal enunciativo principal do *blog* para fazer propaganda de seu programa de TV? Ou nenhuma das alternativas? Ele pretende usar seu *blog* como diário e contar sobre suas visitas e palestras, e postar fotos destas visitas? Repare que analisamos apenas três postagens do *blog*. Poderíamos encontrar outros e outros propósitos em cada uma das postagens, em cada um dos textos do *blog*. O que há é uma irmanação de gêneros diferentes, adequados ao propósito do autor.



**Figura 02** – Blog do Tas. Note as *cc* para a reportagem em vídeo, para a propaganda e para a entrada de diário com fotos. Disponível em <http://www.tas.blog.uol.com.br>. Acesso em 23/09/2008

Para nós, fica bem claro que o *blog* é uma tecnologia para a postagem de **conteúdo digital** (não apenas textos, mas vídeos, fotos e até programas de rádio), assim como existe o *e-mail* que é uma tecnologia para o envio de mensagens. A diferença é que, afora o *e-mail* enquanto tecnologia digital, também existe o *e-mail* enquanto gênero (em seu aspecto formal recorrente). *O blog não existe enquanto gênero.*

Quando pedimos a alguém que redija um *e-mail*, esta pessoa sabe que não vai poder se alongar, que seria interessante terminar o *e-mail* registrando seu nome, enfim, o locutor sente estas e outras amarras do gênero. Todavia, quando se pede a alguém que redija uma postagem para *blogs*, não há amarras, uma vez que não há gênero. Podemos escrever um capítulo gigantesco de livro; ou postar apenas um vídeo sobre qualquer assunto; ou pôr um arquivo de áudio que vai fazer com que o *blog* nem seja lido, mas apenas escutado. E diferentemente do que o que acontece nos gêneros intercalados de Bakhtin, nos quais vários gêneros trabalham a favor de um gênero maior (no caso, o romance), os gêneros nos *blogs* não trabalham numa única *cc*, numa ***cc global***.

Para um melhor entendimento do que chamamos de ***cc global***, observe a *figura 03*. Ela apresenta um *screenshot* do *blog* de um colóquio sobre hipertexto. Esse é um caso raro em que podemos perceber as postagens



trabalhando numa *cc* global. Repare que as postagens se complementam trazendo informações sobre o colóquio (inscrições, valores e outros). A “união” das postagens, numa única *cc*, faz com que o *blog* funcione como um *folder* para a divulgação do evento. Este *blog*, especificamente, realiza-se sobre as mesmas variáveis contextuais (campo, relação e modo), tem um propósito comunicativo específico. Este funcionamento diferencia-se do de Marcelo Tas, no qual as postagens, como visto anteriormente, não interagem numa *cc* global.

**INSCRIÇÕES**

As inscrições para o I Colóquio de Hipertexto serão realizadas até o dia 20 de julho, para participação com apresentação de trabalho, e até o dia 24 para participação sem apresentação de trabalho.

As inscrições só poderão ser feitas no blog do evento através do e-mail: [chipertexto@gmail.com](mailto:chipertexto@gmail.com). Qualquer dúvida entrar em contato com Elisângela Viana (85 88126293 ou 33667629).

A taxa de inscrição deverá ser depositada no Banco do Brasil, conta poupança 29.810-7 (variação 1), agência 3653-6, em nome de Júlio César Rosa de Araújo.

Faça o download  da ficha de inscrição e envie para o e-mail do evento [chipertexto@gmail.com](mailto:chipertexto@gmail.com).

Aguarde a confirmação do seu cadastro no período de 24 horas a partir da remessa do cadastro. Após esse período entre em contato conosco pelo telefone 33667629.

Os participantes com apresentação de trabalho (comunicações e pôsteres) devem enviar o seu resumo para o e-mail do evento e esperar a carta de aceite para efetuar o pagamento.

⇒ Postado por Colóquio sobre Hipertexto às [14:55](#) [1 comentários](#)

---

**VALORES**

**Participação com apresentação de trabalho** - R\$ 20,00 (preço único)

**Participação sem apresentação de trabalho** - R\$ 15,00 (preço único)

⇒ Postado por Colóquio sobre Hipertexto às [13:56](#) [0 comentários](#)

---

**RESUMO**

Figura 03 – Blog do I CHIP . Disponível em <<http://www.chip2008.blogspot.com>>. Acesso em 19/09/2008

Mesmo neste caso, do *blog* do colóquio, não podemos falar de gênero. Provavelmente os organizadores do evento utilizaram a **estrutura** e a **tecnologia** do *blog* por três motivos: **a)** a facilidade de criar/produzir um *blog*, em comparação a um *site* comum; **b)** a hospedagem gratuita oferecida pelo servidor Blogger; e **c)** a velocidade na qual *blogs* são indexados pelo Google, tornando-os acessíveis mundialmente — uma eficiente estratégia de divulgação —. Os próprios organizadores *quebraram* a *cc* global — a “função de *folder*” — ao, após o término do evento, postar vídeos e fotos das conferências realizadas. Houve um novo propósito dado ao *blog*. Temos claramente uma tecnologia a serviço do evento, e não um gênero.

### 3. A tecnologia *blog* e as implicações para seu estudo

Acreditamos que um entendimento não-atualizado sobre o que é um *blog* pode acarretar dificuldades, por exemplo, para professores de língua quando tratarem de gêneros digitais em sala de aula. O professor precisa entender que o *blog* é uma tecnologia, uma ferramenta que agrega conteúdo digital em ordem cronológica

inversa. O docente não deveria ensiná-lo, trabalhá-lo, como um gênero e impor as “amarras deste gênero” aos alunos, sobretudo se forem amarras procedentes de definições superadas, como “*blogs* são diários virtuais”<sup>4</sup>.

A visão do professor Alex Primo, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, é elucidativa a respeito de definições de *blogs* como diários e afins:

É preciso que fique claro que *blogs* são *meios de comunicação*. A criação de um blog/espço não determina necessariamente se ele será mantido de forma individual ou coletiva, tampouco se servirá a interesses lúdicos ou comerciais. Ao se *instalar um blog/programa* em um servidor ou passar a se utilizar um serviço gratuito (como Wordpress.com ou Blogger.com) *não se está subscrevendo um compromisso com este ou aquele estilo literário*. Logo, definições que caracterizem *blogs*, por exemplo, por produção individual, de tom confessional, por uma determinada faixa etária, não passam de postulados generalistas. São, portanto, visões essencialistas que, no fundo, servem apenas a intenções normativas (que visam impor como *blogs* “deveriam” ser) ou a críticas fáceis (como “*blogs* nunca tem credibilidade”). (PRIMO, 2008) [grifos nossos]

Em nossa opinião, Primo avança consideravelmente, nos estudos a respeito, quando defende, ao longo de seu texto, que *blogs* são programas. Afirmamos que é por este motivo que eles não estabelecem “um compromisso com este ou aquele estilo literário”. Não são gêneros; não há como se falar previamente em conteúdo ou estilo algum. Tentar definir *blog* como gênero é “impor como os *blogs* deveriam ser”.

*Blogs* não podem ser definidos como gêneros, pois não se associam a configuração contextual alguma. Por não ser um gênero, o *blog* não representa uma ação social específica, não apresenta um propósito comunicativo. É uma tecnologia de agrupamento de textos e arquivos digitais, a serviço de uma pessoa ou de um grupo, e atende aos propósitos destas pessoas.

Faz-se necessário ainda muito estudo a respeito, mas já conseguimos visualizar *Blogs* unicamente como aplicativos (programas), com *entornos virtuais* específicos, nos quais postagens são produzidas e condicionadas.

Antes de prosseguir, precisamos esclarecer algo a respeito dos programas. Um *programa* é uma construção virtual, em determinada linguagem de computação, que tem finalidades específicas. Um jogo de vídeo-game é um programa, assim como um processador de textos, mas também os *aplicativos* o são, de modo que *programas* podem ser abertos em/por *navegadores web*. Resumindo e simplificando, navegadores, como o Internet Explorer, podem abrir aplicativos, podem abrir programas de computador. Todo programa de computador voltado à produção de textos possui um *entorno virtual*.

A ciência deste fato é importante pelo seguinte motivo: muitos dos gêneros digitais estudados (*chats*, *blogs*, fóruns e outros) são produzidos/lidos em navegadores *web*. Quando se conversa em um *chat*, por exemplo, como o da UOL, está-se usando um programa de computador, um aplicativo aberto por um *navegador web* para que a conversação possa acontecer. É imperativo não pensar que usamos programas apenas ao produzir textos no Microsoft Word, no MSN etc. Ao acessar o site de um servidor de *blogs* e escrever uma postagem, também se está utilizando um aplicativo, um programa de computador. Podemos afirmar que todo texto produzido num



computador vai ser, deste modo, condicionado por um *entorno virtual*. Devemos, destarte, estudar estes entornos para compreender os gêneros digitais, e não somente estudar os artefatos linguísticos já produzidos.

A análise de uma ferramenta tecnológica como o *blog*, para ser completa, precisa considerar de igual modo os programas, e não apenas o material que é visualizado nos navegadores *web*. Tendo conhecimento dos programas, professores e pesquisadores podem entender como o *blog* funciona em sua completude, podem compreender o porquê de determinadas configurações e escolhas tomadas na confecção dos *blogs* e de seus textos. Um trabalho neste sentido, considerando os programas para a elaboração de *blogs*, está sendo desenvolvido por nós no Doutorado.

#### 4. O conceito de *affordances* na defesa de *blog* enquanto tecnologia

Miller (2009) defende que os *blogs* são um conjunto de *affordances*, em termos simples, configurações de possibilidades. O conceito foi trazido da psicologia e funciona para descrever a interação de um animal com seu ambiente natural. Para exemplificar melhor, a autora nos leva a pensar em certos ambientes naturais que fornecem materiais e localizações para que pássaros construam ninhos. Porém, certas *affordances*, certas potencialidades e restrições, vão permitir que apenas alguns tipos de ninhos sejam construídos, e não outros.

No que diz respeito à Internet, assim se posiciona Miller:

No contexto da Internet, *affordances* tomam a forma não de propriedades materiais ou de nichos ecológicos, mas de propriedades de formação e interação que podem servir a certos usos cognitivos e comunicativos particulares. Os *links*, a distribuição instantânea, a indexação e busca, a interatividade e outros traços da Internet constituem *affordances* que diferem das da mídia impressa, e uma configuração específica de *affordances* é o que constitui o *blog* como distinto de outras mídias da Internet (MILLER, 2009, p. 115).

A configuração específica de *affordances* que constitui o *blog* nada mais é, sob nosso ponto de vista, do que as potencialidades e restrições que circundam tal programa/tecnologia, como o próprio entorno virtual, a facilidade de criação dos *blogs*, o baixo custo, as *tags*, a fácil indexação nos mecanismos de busca, os *links* e outros. Por isso, várias poderiam ser as razões que nos levariam a adotar a **tecnologia** *blog* como mecanismo de interação, de comunicação. Miller não sugere que o meio cria a exigência, mas afirma que as *affordances* dos *blogs*:

[...] levaram muitas pessoas a acreditar que realmente queriam criar diários públicos *online*, uma conclusão a que poucas pessoas teriam chegado com a ausência da tecnologia” (MILLER, 2009, p.115)

Uma nota se mostra bastante oportuna neste momento. O mais famoso serviço de *microblogging*, o Twitter, entrou no ar, em 2006, com a seguinte frase no topo da página: “O que você está fazendo agora?”.

Além da frase-slogan, o Twitter “instigava”, de outras formas, os usuários a usar sua ferramenta para comunicar o que faziam, como pode ser percebido na *figura 04*. Entretanto, os internautas criaram usos diversos para o Twitter. Muitos dos recentes acontecimentos mundiais foram divulgados no Twitter primeiro. A primeira imagem do avião da *US Airways* que caiu no rio Hudson, no início do ano, apareceu no servidor de *microblogging*. A morte de Michael Jackson foi lamentada no Twitter antes que as grandes redes de televisão se manifestassem a respeito. Alguns programas da MTV são pensados e produzidos via Twitter.

Em 2009, o Twitter reformulou seu *site* e retirou a frase-slogan do ar. Como pode ser visualizado na *figura 05*, temos outra chamada no *site*, ela diz: “Compartilhe e descubra o que está acontecendo agora, em qualquer lugar do mundo”. Sobre a caixa de pesquisa, temos a sequência: “Veja o que as pessoas estão dizendo sobre...”.



**Figura 04** – Fragmento do site Twitter. Disponível em: <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 20/05/2009

É notório que os administradores do Twitter perceberam que seus usuários não utilizavam o serviço apenas para comunicar o que faziam (eg. “fui jogar futebol”, “assiti ao filme tal”, “estou escrevendo um conto”). Providenciaram, deste modo, uma adaptação do *site* aos usuários. Trouxemos este exemplo para reforçar o defendido por Miller, que as *affordances* dos *blogs* levaram muitas pessoas a acreditar que realmente queriam criar diários públicos. Os próprios serviços de *blogs* vendiam a ideia de que serviam para isso. Os servidores instigavam os possíveis blogueiros a criarem diários virtuais. Durante um tempo, muitos criaram os seus, e ainda existem alguns *blogs* diários, entretanto, **este é apenas um uso** para a tecnologia *blog*. Foi esse uso, de veras comum por um determinado tempo, que gerou (con-)fusão entre a tecnologia *blog* e o gênero diário.



**Figura 05** – Fragmento do site Twitter. Disponível em: <www.twitter.com>. Acesso em: 06/08/2009

Quando a tecnologia do *blog* se espalhou, e tornou-se famosa pelo seu uso como diário, levou vários estudiosos (e.g. Komesu, 2005; Yus, 2007; Felis & Nascimento, 2005; entre outros), naquele momento do Estado da Arte, a definir *blogs* como gêneros textuais.

Parece claro agora que o *blog* é uma tecnologia, um meio, uma constelação de *affordances* — e não um gênero. Quando a tecnologia do *blog* tornou-se amplamente disponível, ele foi percebido como resposta a uma exigência que surgiu no fim dos anos 1990, até ajudando a cristalizar essa exigência, e o *blog* pessoal se multiplicou na consciência cultural. O gênero e o meio, a ação social e sua instrumentalidade cabiam tão bem que pareciam ser contérminos, e foi fácil assim confundir um com o outro — assim como nós o confundimos. (MILLER, 2009, p. 117)

A exigência no fim dos anos 1990, à qual Miller se refere, é a de uma época de voyeurismo mediado, de celebridades instantâneas e de desafios às fronteiras do público e do privado. A tecnologia do *blog* mostrou-se eficiente para atender a esta demanda antropológica, e, como vimos, os próprios servidores de *blog* incentivavam o uso como diário. Contudo, esperamos que ter ficado claro que os *blogs* não representam esta ou outra ação social. Hoje os *blogs* são usados por instituições (escolas, universidades, ONGs, e inclusive por jornais), jornalistas amadores e profissionais (os quais podem escrever sem as amarras de uma instituição), por políticos, por adolescentes e outros, atendendo aos mais diversos atos sociais.

*Blogs* são aplicativos para o agrupamento de **arquivos** digitais (textos, fotos, vídeos, músicas e outros) em ordem cronologicamente inversa, que possuem entornos virtuais específicos e produzem, como forma de saída, páginas da *web*. Tais páginas demonstram geralmente uma organização estrutural recorrente (a presença de um perfil dos autores, de *links* para sites externos, de *links* para comentários etc.).

Se é imperativo existir uma comparação envolvendo *blogs*, acreditamos ser mais interessante comparar *blogs* a fichários. Meninas usam fichários, daqueles com pequenos invólucros de plástico, para guardar papéis de carta; outros usam os invólucros para arquivar documentos de uma empresa; em cursos de idiomas, professores utilizam os fichários para guardar atividades de aula e uma série infinita de textos, dos mais diversos gêneros.

Note que “fichário” não é um gênero textual, é uma tecnologia. *Blogs* são como fichários públicos que expõem material digital. Os autores arquivam seus textos, suas imagens, suas músicas em um programa de computador elaborado para **1.** fazer deste arquivamento uma simples tarefa e para **2.** tornar tais arquivos acessíveis a pessoas na Rede Mundial de Computadores.

## Considerações finais

Por que se mostra importante a discussão sobre o *status* do *blog* como gênero textual ou não-gênero? Por dois motivos:

**1.** A definição de *blog* como gênero atribui à tecnologia alguns traços genéricos (do contrário, não teríamos um gênero). Destarte, o aplicativo *blog* passa a ter, por exemplo, conteúdo temático recorrente, construção composicional, estilo verbal etc. Ao trabalhar com este “gênero” em sala de aula, o professor precisa delimitar tais traços. Temos um primeiro problema: quais são estes traços? Qual o estilo verbal recorrente nas postagens de *blog*? Há *blogs* extremamente formais e há outros desleixadamente informais. Seguindo: qual a construção composicional recorrente? Há *blogs* gigantescos, que expõem capítulos de livro, enormes narrativas, tratados, entretanto existem *blogs* expondo haicais, pensamentos, provérbios. A delimitação fica ainda mais estorvada quando o professor se depara com *blogs* desprovidos de textos (eg. fotoblogs). Falar de conteúdo temático chega a ser desnecessário, visto que *blogs* tangem qualquer assunto e que propagam qualquer discurso. Mesmo que o professor consiga delimitar traços, é gritante que haverá uma restrição, que os alunos serão apresentados a uma tecnologia tosada, a um aplicativo sem seu real poder de uso.

**2.** São várias, e novas, as tecnologias para a Comunicação Mediada por Computadores. De modo que, certamente, serão denominados “gêneros” outros programas de computador. Teremos uma bola de neve; surge uma tecnologia, surge um gênero. Talvez esteja na hora de sairmos do modismo, de assumirmos que nem todas as coisas precisam receber o rótulo de gênero.

A discussão sobre a genericidade dos *blogs* esta substancialmente ligada à educação. Se cometermos equívocos neste momento (e nos incluímos entre os que podem se equivocar), estamos fadados a perpetuar os deslizos nas análises dos “gêneros” do porvir. O debate sobre a genericidade dos “entes digitais” está, em nossa opinião, apenas começando, e é extremamente relevante.

No que concerne aos professores, momentaneamente, seria interessante escolher um possível uso do *blog* e trabalhar a tecnologia desta maneira. Por exemplo, professores podem adotar o *blog* como uma espécie de “boletim”, um canal para um grêmio estudantil. A partir deste momento, podem ser discutidas as características genéricas (conteúdo temático, estilo, propósito comunicativo, aspecto composicional e outros). É imperativo

lembrar, porém, que estes são traços dos gêneros irmanados que serão armazenados **no aplicativo *blog***, e que não são traços **do *blog***. O uso como “boletim” é apenas um dos diversos usos que podem ser dados ao aplicativo. Se o grêmio for desfeito, o mesmo *blog* poderá assumir outras atribuições, e receber/expor outros gêneros de texto. O professor pode começar a usar o *blog* para disponibilizar, por exemplo, conteúdo extra sobre suas aulas, e utilizar o espaço para discussões outras.

### Referências Bibliográficas:

AMARAL, Adriana et al (orgs.) Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação. Momento Editorial: São Paulo. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec. p. 13-70. (1993) [1924].

FELIS, Cláudia C. Gatti; NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Blog: um gênero digital para o processo de multiletramento*. In: *Entretexto. Revista do Programa de Pós-Graduação em estudos da Linguagem*. Universidade Estadual de Londrina. Vol 5. 2005.

FUMERO, Antonio. *El abecé del universo blog*. Disponível em: <<http://www.campusred.net/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=1&rev=65>>. Acesso em 04/09/2008.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*, In: MARCUSCHI, L. Antônio, XAVIER, A. Carlos (orgs). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (2002). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36. 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005.

MILLER, Carolyn. *Gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: UFPE. 2009.

MOTTA-ROTH, D; HEBERLE, V. M. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. 2 ed. São Paulo, SP: Parábola. 2007.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. *Anais*. 2008.

YUS, Francisco. Towards a pragmatics of weblogs. In: *Pragmática, discurso y sociedad (Quaderns de Filologia XII)*. Eds. P. Bou Franch, A.E. Sopena Balordi and A. Briz Gómez. Valencia (Spain): University of Valencia, 15-33. 2007.

---

<sup>1</sup> Cleber Pacheco GUIMARÃES, doutorando em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail: [cleber.guimaraes@gmail.com](mailto:cleber.guimaraes@gmail.com)

<sup>2</sup> Recomendamos, para uma leitura mais aprofundada sobre o hipertexto (incluindo debates sobre linearidade), a consulta à própria Ribeiro (2006), que faz um vasto e instrutivo levantamento sobre este tema.

<sup>3</sup> Para obter mais exemplos de configurações contextuais, ver Motta-Roth & Heberle (2007).

<sup>4</sup> Autores como os que estão presentes na obra “Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação” de AMARAL et al (orgs.) (2009), além de Fumero (2008), Primo (2008), Miller (2009) e outros, vão além das — ou desconsideram totalmente — definições que tratam *blogs* como diários virtuais.

<sup>5</sup> A terminologia entorno virtual é advinda de Marcuschi (2005).